

## ANÁLISE DE FÁCIES DA FORMAÇÃO BANDA ALTA, GRUPO JACADIGO (NEOPROTEROZÓICO).

Bernardo Tavares Freitas<sup>1</sup>; Lucas Veríssimo Warren<sup>1</sup>; Paulo César Boggiani<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo (bernardotf@gmail.com)

A Formação Banda Alta, unidade superior do Grupo Jacadigo, constitui os topes de morros tabulares com quase 1000 m de desnível da planície do Pantanal na região do Maciço do Urucum, próximo a cidade de Corumbá (MS). A Formação Banda Alta, compreende espesso pacote de formações ferríferas, com pouco mais de 300 m medidos, que assentam-se concordantemente sobre a Formação Córrego das Pedras que, por sua vez, assenta-se sobre os depósitos siliciclásticos da Formação Urucum. As rochas da Formação Banda Alta vêm sendo estudadas e lavradas desde o começo do século XX, no entanto ênfase tem sido dada a aspectos econômicos e geoquímicos de modo que questões referentes aos processos atuantes na bacia em que se depositaram as formações ferríferas permanecem controversos, principalmente em função da pouca ênfase dada ao estudo das fácies terrígenas. O estudo sedimentológico por meio de levantamento de seções estratigráficas de detalhe permitiu individualizar e descrever as fácies constituintes da Formação Banda Alta e interpretar os processos sedimentares e sistemas deposicionais atuantes no preenchimento da bacia. A Formação Banda Alta é constituída principalmente por formações ferríferas estratificadas, com alternância entre estratos centimétricos de hematita e lentes e camadas de sílica criptocristalinas com espessura centimétrica. Associadas a essa fácie incidem intercalações clásticas de camadas tabulares, lateralmente extensas, delgadas (5 a 15 cm) com conteúdo de material argilo-siltoso e arenitos arcoseanos, que ocorrem próximo à base da Formação Banda Alta. Em direção ao topo, as intercalações clásticas são mais freqüentes e compreendem lentes de espessuras métricas e comprimentos de dezenas de metros compostas por conglomerados e arenitos. As formações ferríferas estratificadas têm sua origem interpretada por precipitação química de colóides de ferro e sílica em águas pouco agitadas. As intercalações clásticas posicionadas próximas a base e próximas ao topo são interpretadas, respectivamente, como depósitos distais e próximos de fluxos gravitacionais subaquáticos, possivelmente envolvendo correntes trativas de fundo. De modo aleatório ocorrem clastos isolados em meio às camadas de hematita criptocristalina, que apresentam desde tamanho de seixos a matacões com mais de 2 m. Esses comumente apresentam contatos inferior e superior com os níveis de hematita obliterados pela compactação diferencial. Localmente, observa-se também feições preservadas de deformação e até rompimento das camadas inferiores associadas a clastos isolados. Essas ocorrências, assim como fácies de grãos de areia angulosos, mal selecionados, que perfazem menos de 5 até 20% em meio a matriz hematítica, são interpretadas como depósitos de chuva de detritos (*glacial rain-out*) a partir de icebergs e corpos de gelo errantes. A partir da sucessão de fácies descrita, é possível propor um modelo de sedimentação em um corpo d'água calmo, esporadicamente perturbado, com predomínio de sedimentação química, associado ao desenvolvimento de sistemas de leques subaquáticos. A presença de clastos isolados com deformação e rompimento das camadas subjacentes e de depósitos de grãos esparsos em meio a matriz hematítica sugere influência de atividade periglacial concomitante à sedimentação da unidade. O padrão de espessamento e aumento da freqüência das fácies terrígenas observadas também permite interpretar uma tendência progradacional em direção ao topo do Grupo Jacadigo.